

### Rede feminista em tempos de ditadura: uma história possível?

Ana Maria Veiga, UFSC  
[amveiga@yahoo.com.br](mailto:amveiga@yahoo.com.br)

A intenção deste trabalho é mapear alguns pontos que sinalizam uma possível constituição de redes de informação e de solidariedade nos solos de Brasil e Argentina nos anos pós-1968, período marcado pelas ditaduras militares e momento em que o feminismo começava a aparecer como lugar de resistência social e política nestes países, sob a influência do movimento feminista mundial (ocidental), mas também sob a especificidade do domínio dos partidos políticos de esquerda que se levantavam contra os regimes na maior parte da região hoje denominada Cone Sul. Para isso a investigação foi realizada em periódicos feministas argentinos e brasileiros, além do internacional *Nosotras*, publicado por exiladas latino-americanas em Paris, e também em entrevistas com algumas brasileiras e argentinas que podem ser consideradas pontos de intersecção no interior dessa rede, se é que de fato ela existiu.

Os grupos que se formaram a partir daquele momento efetuaram trocas e circularam materiais como estratégia política de expansão e consolidação. Mas como as relações entre as feministas, principalmente brasileiras e argentinas, e suas estratégias políticas se estenderam em direção a um desejo de solidariedade e apoio entre as mulheres, independentemente da situação geopolítica de cada uma? E de que maneira buscaram fazer este movimento?

Para Manuel Castells, a distância entre dois pontos é menor se eles forem parte de uma rede, ou seja, o individualismo afasta a concretização dos objetivos comuns<sup>1</sup>. Isso nos possibilita pensar como se foi constituindo uma possível rede feminista, com a inicial tomada de consciência por algumas mulheres, que levou à mudança de atitude/ação, muitas vezes dentro de organizações políticas de esquerda.

María Cristina Ravazzola vai além e compara as redes ao próprio movimento de mulheres<sup>2</sup> por ver em ambos pontos de semelhança. “Será que as redes, por serem organizações coletivas que desafiam as formas de organização piramidais tradicionais já compartilham algo com as organizações que propuseram e deram suporte aos movimentos de mulheres?”<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. V. 1. 11 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 566.

<sup>2</sup> A autora explica em nota de rodapé que usa o termo “movimento de mulheres”, pois o “movimento feminista” ainda é mal visto na Argentina, onde o senso comum o relaciona à lutas das mulheres contra os homens.

<sup>3</sup> RAVAZZOLA, María Cristina. Las mujeres y las redes sociales. Una mirada sobre las redes sociales teniendo en cuenta las diferencias de género. In: DABAS, Elina; NAJMANOVICH, Denise (Comp.). **Redes el lenguaje de los vínculos**. 2ª ed. Barcelona/Buenos Aires: Paidós, 2002, p. 191.

## Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

A autora observa nas redes características que muitas vezes são encontradas, de acordo com ela, nos grupos de mulheres, como disponibilidade para a auto-reflexão; expressão aberta dos sentimentos de todas; participação ativa de todas as integrantes do grupo; todas se sentem produtoras de cada projeto; as diversidades são aceitas e os objetivos de todas são integrados e respeitados<sup>4</sup>.

Olhando para as entrevistas analisadas neste estudo<sup>5</sup>, o argumento de Ravazzola se parece mais uma idealização do movimento de mulheres ou do movimento feminista. O conflito interno sempre existiu nos grupos feministas e em diversas situações as divergências só foram superadas na ação conjunta contra a opressão comum a todas. E por mais que se pregasse uma horizontalidade, isto é, uma ausência de hierarquias entre elas, algumas se colocavam à frente dos grupos em inúmeras situações. Minha intenção aqui não é adentrar essas questões, mas perceber como elas se articulavam diante do novo movimento que se expandia nos considerados principais centros ocidentais.

As informações e teorias feministas, trazidas do exterior por aquelas que tinham uma melhor situação financeira e podiam viajar ou receber materiais, acabavam por chegar também às mulheres das camadas populares que passaram a freqüentar os grupos de conscientização ou mesmo às que participavam das reuniões de bairros, nas quais muitas feministas iam para discutir textos e trocar idéias ou experiências. Os caminhos que constituem essa teia são múltiplos e podem ser mapeados nos temas similares publicados em periódicos brasileiros e argentinos, sem que tivesse havido uma troca direta entre as editoras destas publicações.

Penso que é necessário fazermos um recorte nas temporalidades e em algumas singularidades aqui abordadas, já que em 1970 a Argentina vivia um momento “entre-golpes”, quando as idéias feministas puderam gerar alguns raros laços de solidariedade entre as mulheres, que passaram a se reunir nos primeiros grupos impulsionados pelo calor dos acontecimentos mundiais. Depois de 1973, com a volta de Juan Domingo Perón ao poder e depois com sua morte, as feministas estiveram entre os grupos que passaram a receber ameaças dos paramilitares personificados pelo agrupamento denominado *Triple A* (*AAA - Alianza Anticomunista Argentina*). Suas reuniões já eram clandestinas há algum tempo quando foi deflagrado o último golpe, em 1976. Os grupos, de formação precoce se comparada à história do feminismo brasileiro, tiveram que se calar por sete longos anos.

Já no Brasil, o contato com as idéias feministas principalmente a partir de 1968 aconteceu em pleno cenário ditatorial. O regime imposto em 1964 pelas forças armadas havia acabado de

---

<sup>4</sup> Ibidem, p. 194.

<sup>5</sup> Entrevistas com feministas brasileiras e argentinas podem ser encontradas no LEGH – Laboratório de Estudos de Gênero e História da UFSC. Aqui foram analisadas principalmente as entrevistas realizadas com as argentinas Mirta Henault, Sara Torres, Lucrecia Ollér e Dora Barrancos.

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.  
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

ganhar novo fôlego repressivo com o Ato Institucional número 5 (AI-5), que dava uma dura resposta aos reflexos locais das manifestações mundiais de 1968. Apesar de algumas primeiras tentativas, o feminismo brasileiro só ganhou representatividade a partir de 1975, com o Ano Internacional da Mulher, que inaugurava a Década da Mulher proposta pela ONU.

Ou seja, as brasileiras puderam começar a falar e publicar materiais quase no mesmo momento em que suas vizinhas que já falavam e publicavam suas idéias tiveram que se calar. Depois, com a volta das democracias nos anos 1980 e a incorporação de algumas demandas feministas ao poder público, uma outra geração de mulheres preocupadas com as lutas feministas já havia se formado e não necessariamente se juntava à geração anterior nas prioridades e reivindicações.

Mas neste período pós-1968 muita coisa aconteceu. Os exílios e as viagens a outros países promoveram a lenta constituição de uma rede sem precedentes. A circulação de informações e textos nos periódicos e as leituras que muitas dessas mulheres fizeram puderam de certa forma constituir um *ethos* feminista, que trazia especificidades na passagem de um país a outro e principalmente na relação de muitas feministas com os grupos de esquerda.

Mirta Henault, Sara Torres, Lucrecia Ollér e Dora Barrancos estiveram no Brasil. Enquanto para Mirta a viagem pareceu um encontro com uma cultura diferente e menos puritana do que a sua, Sara e Lucrecia já aproveitavam para trocar materiais e fazer contatos com as feministas brasileiras. Dora Barrancos, que partiu para o exílio como militante de esquerda, descobriu o feminismo em Belo Horizonte e não se afastou mais das temáticas em torno das relações de gênero.

Nas leituras que fizeram, a maioria das feministas entrevistadas afirmaram como ponto comum o conhecimento da obra **O segundo sexo**, de Simone de Beauvoir<sup>6</sup>. Apesar de rejeitado em sua influência pelas mulheres mais ligadas à esquerda, o livro tornou-se leitura obrigatória para quem se interessava pelas questões das mulheres. As feministas radicais também foram tocadas pela leitura de outras autoras, como Shulamith Firestone<sup>7</sup> e Kate Millett<sup>8</sup>, consideradas filhas intelectuais de Beauvoir, de acordo com María Luisa Femenías. “*Las hijas rebeldes de Beauvoir inician sin más trámite la corriente de la diferencia.*”<sup>9</sup> Enquanto isso, as feministas socialistas, muitas delas ligadas a partidos políticos, optaram pela leitura principalmente de Juliet Mitchell e Alexandra Kollontai.

Mas tudo o que dizia respeito às idéias feministas certamente interessava a quase todas elas; podiam até criticar ou não concordar com determinada obra de determinada autora, mas

---

<sup>6</sup> Cf. também BORGES, Joana Vieira. O Segundo Sexo: leituras no Brasil. In: **Fronteiras** – Revista Catarinense de História, Dossiê História e Gênero, 15, Florianópolis: ANPUH-SC, junho de 2007, p. 55-67.

<sup>7</sup> FIRESTONE, Shulamith (canadense). **The Dialectic of Sex** (1970).

<sup>8</sup> MILLETT, Kate (estadunidense). **Sexual Politics** (1970).

<sup>9</sup> FEMENÍAS, María Luisa. **Sobre sujeto y género: lecturas feministas desde Beauvoir a Butler**. Buenos Aires: Catálogos, 2000, p. 30. “As filhas rebeldes de Beauvoir inician, sem mais trâmites, a corrente da diferença.” (tradução livre).

## Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

conheciam o que se dizia sobre feminismo no âmbito mundial e traçaram estratégias e formataram modos de ver o mundo também com base no que tinham a dizer essas autoras<sup>10</sup>. Cláudia de Lima Costa argumenta sobre o lugar da tradução no contato com esses textos.

Muitas feministas, ao tentar encontrar maneiras produtivas de estabelecer diálogos na articulação de alianças transnacionais, através das diferentes comunidades feministas dispersas em um mundo de crescente movimento e contatos transculturais, recorreram à prática da tradução como lugar privilegiado para a negociação de diferenças<sup>11</sup>.

Lima Costa nos possibilita pensar sobre as re-significações que surgiram a partir da leitura dos materiais aos quais as brasileiras e argentinas tiveram acesso; elas podem ter auxiliado na formação de um tipo de rede embasada nos ideais feministas das teóricas compartilhadas, aproximando a prática feminista dos dois países, mas traçando fronteiras de especificidades, para além daquelas delimitadas pelo espaço geopolítico.

María Luisa Femenías nos fala de “um trabalho de tradução, de ruptura de contextos e de re-apropriação como direito à produção de saberes”<sup>12</sup>. Ela argumenta que estar em um lugar inesperado, onde não se espera que estejamos, nos posiciona a princípio já como sujeitos-agentes<sup>13</sup>.

Alguns livros chegaram a contextos específicos, longe de seus locais de origem; eles apropriaram e foram apropriados de acordo com a cultura local de suas leitoras. Os exemplos que escolho aqui partiram de um mesmo espaço geopolítico, mas com propostas diferentes. O livro estadunidense *Our bodies, Ourselves*, publicado originalmente em 1970, foi traduzido para mais de trinta idiomas e ganhou uma readaptação em cada lugar onde chegou, sendo reescrito de acordo com cada contexto<sup>14</sup>. A proposta oriunda de um grupo feminista de Boston alcançou dimensões inesperadas e fez sua parte na constituição de parte de uma rede que passou a emaranhar mulheres não apenas nos países capitalistas ocidentais.

O outro livro estadunidense que busquei para este estudo trazia em si a proposta de formação de uma grande rede feminista. Já na década de 1980, Robin Morgan publicou a coletânea *Sisterhood is Global*, que trazia as reflexões de mulheres de mais de setenta países, encomendadas pelo grupo editor para uma proposta que foi duramente criticada como representante de um feminismo branco e imperialista.

---

<sup>10</sup> VEIGA, Ana Maria. **Feminismos em rede?** Uma história da circulação de discursos e informações entre São Paulo e Buenos Aires (1970-1985). Dissertação de Mestrado em História. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009, p. 83.

<sup>11</sup> COSTA, Cláudia de Lima. Feminismo, tradução, transnacionalismo. In: \_\_\_\_\_, C. L. e SCHMIDT, Simone P. (Orgs.). **Poéticas e políticas feministas**. Florianópolis: Mulheres, 2004, p. 191.

<sup>12</sup> FEMENÍAS, M. L. “Afirmación idenditaria, localización y feminismo mestizo”. Op. cit. p. 105.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 108.

<sup>14</sup> DAVIS, Kathy. **How feminism travels across borders** - The making of *Our bodies, Ourselves*. Durham and London: Duke University Press, 2007.

## Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

Este livro me chamou particularmente a atenção por ter como colaboradoras duas das entrevistadas para o projeto intitulado **Feminismos e os Movimentos Sociais de resistência às ditaduras no Cone Sul**: uma história comparativa (1960-1985), coordenado pelas professoras Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff do Laboratório de Estudos de Gênero e História da Universidade Federal de Santa Catarina. São elas a argentina Leonor Calvera e a brasileira Danda Prado, que escreveram artigos representando as mulheres e a história do feminismo em seus países.

Olhando apenas para esse material podemos inferir que nos anos 1970 as redes lentamente eram tecidas, sem que houvesse uma clara intenção nesse sentido, apesar do desejo manifestado em diversos depoimentos e discursos publicados, enquanto que nos 1980 a intenção de se formar uma rede já estava mais claramente posta. Vamos buscar tal comprovação também em outras fontes.

A circulação de textos por meio dos livros feministas teve como segunda geração a produção e a circulação de textos nos periódicos feministas. Como os periódicos podiam tratar de diversos temas semelhantes se pouco havia de troca direta entre as feministas brasileiras e argentinas? Uma resposta possível reforça o argumento de que as redes se constituíam de outras formas, via leituras e o acesso a informações que vinham de fora, principalmente da Europa e dos Estados Unidos. Porém, a recusa da influência estrangeira especificamente pelos periódicos brasileiros dos anos 1970 (**Brasil Mulher** e **Mulherio**) e a ausência de citações sobre outros países afasta-os da perspectiva de seus contemporâneos na Argentina (*Persona*) e na França (*Nosotras*).

Apesar de compartilharem de um mesmo recorte temporal, o *Persona* argentino, instrumento do discurso de um feminismo radical, pouco tinha em comum com a abordagem dos brasileiros **Brasil Mulher** e **Nós Mulheres**, que traziam a marca das militantes políticas de esquerda e certa diplomacia ao tratar o tema feminismo<sup>15</sup>. O periódico argentino parecia muito mais interessado nas notícias de outras partes do mundo do que os brasileiros, além da identificação que trazia com o feminismo da diferença.

Mas foi principalmente o internacional *Nosotras*, publicado por latino-americanas exiladas em Paris, que marcou a inserção e a preocupação com a formação de uma rede feminista. O periódico pretendia atuar como ponte entre o feminismo europeu e os países de origem de suas componentes. Analisando as páginas de *Nosotras* podemos encontrar referência a grupos, eventos e publicações que ocorriam em diversas partes, além da insistência na importância da conscientização de um número cada vez maior de mulheres.

Joana Maria Pedro indica a proximidade deste periódico com os ideais franceses. De acordo com ela, suas editoras “[...] divulgavam ações do feminismo em diferentes pontos da

---

<sup>15</sup> Sobre os periódicos feministas brasileiros, cf. TELES, Maria Amélia de A. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1993; e LEITE, Rosalina de Santa Cruz. **Brasil Mulher e Nós Mulheres: origens da imprensa feminista brasileira**. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 11(1): 234-241, jan-jun/2003.

## Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

América Latina; faziam citações de textos e ações do movimento feminista francês. A vinculação com a França era bastante grande.”<sup>16</sup>

Analisando as cartas de leitoras que publicava, fica claro que *Nosotras* era lido em diversos locais da Europa e da América Latina<sup>17</sup>. Por correio, a dinamarquesa Paula busca contato com latino-americanas, visando uma colaboração internacional<sup>18</sup>. Uma brasileira diz que ficou sabendo da publicação por causa de uma reportagem publicada no **Jornal da Tarde** brasileiro<sup>19</sup>. Assim circulavam idéias feministas, impressas na forma de periódicos.

É importante perceber a centralidade que ganhavam os contatos e as notícias sobre outros grupos feministas nas páginas dos periódicos em geral. É como se houvesse uma identificação e uma legitimação com a confirmação da existência e da atividade dos grupos feministas em várias partes do globo. Aqueles grupos que pareciam isolados não estavam sozinhos em sua luta cotidiana. O feminismo era um trabalho de “formigas” espalhadas por todo o mundo.

Entre os jornais brasileiros, foi com **Mulherio**, já nos anos 1980, que o interesse pelo feminismo mundial e o discurso da formação de uma rede apareceu<sup>20</sup>. **Mulherio** trouxe diversas referências estrangeiras, chegando a publicar uma “Seção Internacional”, onde eram discutidos e apontados assuntos como a publicação da revista mexicana FEM; a trajetória cubana do machismo ao socialismo; a relação entre o então presidente francês François Mitterrand e as mulheres; o aborto na Espanha; a falta de igualdade na Suécia; a Associação Latino-americana de Estudos sobre as Mulheres; a natalidade na China; a boliviana Domitila Chungara; as mulheres na ONU; o divórcio na Argentina; as mulheres muçulmanas da Argélia; a feminilidade no Irã; as mulheres na revolução sandinista da Nicarágua; e um balanço sobre a Década da Mulher, da Cidade do México (abertura, em 1975) a Nairóbi (encerramento, em 1985). O jornal falou ainda da importância de uma consciência latino-americana<sup>21</sup>.

Analisando os periódicos *Nosotras*, publicado em Paris, mas também na Cidade do México; *Nosotras... que nos queremos tanto* em Madri; **Nós Mulheres**, publicado em São Paulo; *Noi Donne* em Roma; e *Nos/Otras*, publicado em Santiago, que mantinham uma “linha” feminista caracterizada pela união, Joana Maria Pedro aponta para “[...] a existência de uma rede de contatos feministas internacionais [...]”. A autora argumenta que o que unia os grupos que publicavam estes

---

<sup>16</sup> PEDRO, Joana Maria. *Nosotras, Nós Mulheres, Nos/Otras, Noi Donne*. In: WOLFF, Cristina Scheibe, FÁVERI, Marlene de, RAMOS, Tânia R. Oliveira (Org.). **Leituras em rede** – gênero e preconceito. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

<sup>17</sup> Mesmo havendo a possibilidade de desconfiarmos da veracidade das cartas e suas origens, já que a divulgação de um discurso também constitui uma escolha.

<sup>18</sup> NOSOTRAS. Nº 7, 1974, p. 13.

<sup>19</sup> Ibidem. Nº 12, 1974, p. 14.

<sup>20</sup> É preciso considerar a anistia no Brasil e o rompimento das feministas com a esquerda para se compreender a defasagem de quase uma década dos assuntos abordados por *Mulherio* com relação ao argentino *Persona* e o *Nosotras* publicado em Paris.

<sup>21</sup> MULHERIO. Os exemplares vão do Nº 1, de 1981 ao Nº 22, de 1985.

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.  
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

periódicos era a constituição da categoria “mulher” como uma “identidade”<sup>22</sup>. Eu acrescento que as escolhas dos nomes refletem uma discussão que se dava em âmbito transnacional, marcando fontes de informações comuns, que propiciaram aos poucos a formação dessa rede.

Sonia Alvarez observa que redes feministas de relações começaram a se formar entre os grupos brasileiros já a partir dos anos 1970, com uma mobilização na direção das redes feministas internacionais, formadas por organizações de mulheres em escala mundial<sup>23</sup>; isso não fica claro na análise dos periódicos. Os anos 1980 foram o contexto temporal em que essa expansão teve início. As redes de amizade e conhecimento também tiveram seu lugar dentro da história do feminismo brasileiro e mesmo do internacional, como pudemos observar.

Uma grande quantidade de variações cerca o conceito de rede – polivalente –, de acordo com Osvaldo Saidón: “O termo ‘rede’, em sua polivalência, nos remete por um lado a uma linha mais conceitual e por outro tem um sentido puramente instrumental e técnico.”<sup>24</sup> A análise que apresento aproxima-se mais do segundo sentido proposto pelo autor. A rede torna-se instrumental para a proposta de conscientização de um número cada vez maior de mulheres em todo o mundo e podemos situá-la como o principal instrumento do projeto feminista que ressurgiu com novas características a partir do final da década de 1960 e gradativamente foi ganhando espaço e visibilidade em quase todas as partes do mundo.

No Cone Sul, a marca da repressão forjada pelas ditaduras militares não pode ser ignorada, pois esteve presente principalmente no silêncio a respeito de determinadas questões que não puderam aparecer nos discursos feministas brasileiros e na pesada ausência de qualquer discurso no caso argentino. Enquanto os periódicos brasileiros puderam circular em meio ao cenário da ditadura, a partir de 1975, nenhuma página foi publicada na Argentina desde o início da repressão “oficial”, em 1976.

Para finalizar este estudo, são duas as imagens de rede que podemos perceber delineadas na análise empírica: a primeira refere-se às relações pessoais, constituídas por meio de viagens, contatos realizados em congressos feministas ou de mulheres, convites feitos diretamente ou por meio da “amiga da amiga” ou da “irmã da irmã” para compartilhar eventos ou publicações; relações diretas, estratégicas, certamente produzidas no sentido de se criar um espaço, de se inserir em um espaço já criado ou de fortalecer elos políticos de reivindicação e publicidade.

Outra imagem é a de uma rede teórica, constituída a partir de leituras dos mesmos materiais, iniciadas pelos clássicos livros das primeiras feministas da chamada “segunda onda”, ou

---

<sup>22</sup> PEDRO, Joana Maria. “Nosotras, Nós Mulheres, Nos/Otras, Noi Donne”. Op. cit., p. 309.

<sup>23</sup> ALVAREZ, S. **Engendering Democracy in Brazil** – women’s movements in transition politics. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1990.

<sup>24</sup> SAIDÓN, Osvaldo. Las redes: pensar de outro modo. In: DABAS, Elina; NAJMANOVICH, Denise (Comp.). Op. cit., p. 203.

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.  
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

mesmo do anterior **O segundo sexo**, de Simone de Beauvoir (que na época ainda não era feminista), chegando a materiais de autoras mais específicas lidos em apenas um país (como foi o caso da italiana Carla Lonzi, lida pelas argentinas) ou por determinada facção política (como no caso de Juliet Mitchell e Alexandra Kollontai, lidas pelas feministas socialistas; e de Shulamith Firestone, que influenciou o feminismo radical).

Essas leituras, traduções e apropriações fizeram com que se pudesse notar a semelhança entre diversos temas em comum trabalhados por feministas tanto do Brasil quanto da Argentina, em seus escritos pessoais, em seus testemunhos de vida e também no conteúdo das publicações que elas liam ou editavam. O contato com esses temas, o trabalho reflexivo e de conscientização em torno deles e o efeito que tiveram como bandeiras de luta e reivindicação na vida de tantas feministas podem criar a “ilusão” da formação de uma fina rede estendida sobre o Cone Sul, aqui especificamente apenas sobre os dois países analisados, mas que se torna consistente ao longo dos anos, por meio dos resultados alcançados pelos movimentos feministas desses países. A rede feminista que se buscou formar pode ser observada e questionada em diversos aspectos, mas o que se torna notável e incontestável por meio das fontes é o desejo, e a possibilidade criada por ele, desta rede de fato existir.